

A longa e estreita cadeia de suprimentos da medicina - Resumo por Amanda Rossi  
A longa e estreita cadeia de suprimentos da medicina

Ao terceirizar a fabricação de medicamentos e suprimentos médicos, os EUA deixaram pacientes e hospitais em uma posição assustadoramente precária.

Publicado em 5 de março de 2018

O site do Departamento de Alimentos e Medicamentos dos Estados Unidos publica uma lista com os nomes dos medicamentos e insumos de saúde que estão em falta no país. Na semana anterior ao texto ser escrito, a lista tinha 90 produtos, como antibióticos, medicamentos para anestesia, imunossuppressores para impedir a rejeição de órgãos, soluções para alimentação por sonda, sedativos. A indisponibilidade desses produtos se deve ao fato da maior parte ser produzida fora dos Estados Unidos.

A dependência de medicamentos e insumos de saúde importados deveria ser uma questão de segurança nacional, mas não é. Apenas 10% dos medicamentos genéricos usados dos Estados Unidos são produzidos no país. A última fábrica americana de penicilina foi fechada em 2004. A dependência existe até na produção nacional: quatro quintos dos ingredientes ativos de produtos farmacêuticos produzidos nos Estados Unidos vêm de outro país, principalmente da Índia e da China. Se a produção ou a entrega de um produto essencial for interrompida, os Estados Unidos não terão alternativa interna.

Diversos acontecimentos podem levar à interrupção da produção ou do fornecimento de produtos. Desastres naturais, por exemplo. Em 2017, um tufão em Porto Rico danificou linhas de produção que vendem soluções salinas para os Estados Unidos - usadas para hidratar pacientes. Além disso, as vendas podem ser interrompidas de forma proposital, com objetivo de resguardar os estoques para o país produtor. Em 2009, na pandemia de H1N1, Canadá e Austrália impediram fabricantes de vacinas contra a gripe de atender a pedidos dos Estados Unidos.

Além de medicamentos e insumos de saúde, podem faltar equipamentos de proteção para profissionais de saúde. Nos Estados Unidos, apenas 5% das mais de 230 milhões de máscaras cirúrgicas compradas pelo país são fabricadas nacionalmente. Se houver uma pandemia de gripe e as fronteiras forem fechadas, não há garantia de que essas máscaras serão entregues nos Estados Unidos. "Em uma grande pandemia, ou algo parecido, outros países deixarão de nos enviar máscaras. Os profissionais de saúde se sentirão desprotegidos", disse o vice-presidente de uma fábrica de máscaras americana, Mike Bowen.